



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS III

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE LETRAS

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS INGLÊS

JOICE RODRIGUES NUNES AMARANTE

O NONSENSE EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PERSONAGEM O GATO DE CHESHIRE

GUARABIRA

2024

JOICE RODRIGUES NUNES AMARANTE

O NONSENSE EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PERSONAGEM O GATO DE CHESHIRE

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Letras Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Orientadora: Profa. Me. Aline Oliveira do Nascimento

GUARABIRA

2024

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A485n Amarante, Joice Rodrigues Nunes.

O *nonsense* em "Alice no país das maravilhas" [manuscrito] : uma análise a partir do personagem o Gato de Cheshire / Joice Rodrigues Nunes Amarante. - 2024.

21 f.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em Letras inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Ma. Aline Oliveira do Nascimento, Departamento de Letras - CH".

1. *Nonsese*. 2. Literatura Vitoriana. 3. Gato Cheshire. I. Título

21. ed. CDD 820

JOICE RODRIGUES NUNES AMARANTE

**O NONSENSE EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA ANÁLISE A PARTIR
DO PERSONAGEM O GATO DE CHESHIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Letras Inglês da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciatura em Letras Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 18/11/2024.

BANCA EXAMINADORA

Aline Oliveira do Nascimento

Profa. Ma. Aline Oliveira do Nascimento (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thaís de Matos Barbosa

Profa. Ma. Thaís de Matos Barbosa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Waldir Kennedy Nunes Calixto

Prof. Me. Waldir Kennedy Nunes Calixto
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“Você poderia me dizer, por favor, o caminho para eu ir embora daqui ?”

“Isso depende muito de onde você quer chegar”, disse o Gato.

“Não me importa muito onde...” disse Alice

“Então não importa para que lado você vai”, disse o Gato (Carroll, 2021, p.62).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. DEFINIÇÃO SOBRE O NONSENSE E O CONTEXTO DA INGLATERRA VICTORIANA.....	09
3. ANÁLISE A PARTIR DO GATO DE CHESHIRE.....	12
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	19

O NONSENSE EM ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO PERSONAGEM O GATO DE CHESHIRE

Joice Rodrigues Nunes Amarante¹

RESUMO

A literatura *nonsense* apresenta aspectos que podem gerar interessantes discussões a respeito dos jogos de palavras, quebras de expectativas, entre outros aspectos. Tendo em vista este ponto, nesta produção procurou-se analisar inicialmente sobre o gênero literário *nonsense*, como suas características, e diversos conceitos através do tempo e estudiosos, posteriormente este trabalho tem como objetivo realizar uma análise literária a respeito do personagem o Gato de Cheshire, personagem da obra *literária Alice no País das Maravilhas* (1865) e através desta análise, observar como o mesmo possui características do gênero, o *nonsense*, mas pode apresentar momentos de lapsos de sentido em seu discurso. Este estudo se dá através de uma pesquisa básica, de cunho exploratório, portanto de forma qualitativa. Este artigo utiliza como base teórica, diversos estudiosos acerca do tema, como Vasconcelos e Melo (2019), Pereira (2006), Vitoriano (2019), Monteiro (2022) e Radaelli (2012) com seus estudos referentes a Era Vitoriana, período em que a obra foi produzida. Em seguida fazendo uso das contribuições dos artigos de Ferreira (2024), Granato (2020), Marucci e Giroldo (2021) e Lindemann (2018) que apresentaram diferentes teorias e um aprofundamento referentes ao gênero literário *nonsense*. Portanto, em nossas discussões finais, constatamos que o mesmo, apresenta movimentos transitórios entre o sentido e o não sentido, sendo assim, evidenciamos nos discursos e comportamentos do gato de *Cheshire*, tais movimentos, precisamente ao decorrer dos capítulos VI e VIII da obra literária, pois parte da aparição do mesmo.

Palavras-chaves: *Nonsense*; Literatura Vitoriana; Gato *Cheshire*.

ABSTRACT

Nonsense literature presents aspects that can generate interesting discussions about word games, breaches of expectations, among other aspects. With this point in mind, this production sought to initially analyze the nonsense literary genre, such as its characteristics, and various concepts across time and scholars, subsequently this work aims to carry out a literary analysis regarding the character the Cheshire Cat, character from the literary work *Alice in Wonderland* (1865) and through this analysis, observe how it has characteristics of the genre, the nonsense, but can present moments of lapses of meaning in its discourse. This study will be carried out through basic research, of an exploratory nature, therefore in a qualitative way. This article will use as a theoretical basis several scholars on the subject, such as Vasconcelos and Melo (2019), Pereira (2006), Vitoriano (2019), Monteiro (2022) and Radaeli (2012) with their studies referring to the Victorian Era, a period in which that the work was produced. Then making use of the contributions of the articles by Ferreira (2024), Granato (2020), Marucci and Giroldo (2021) and Lindemann (2018) who presented different theories and an in-depth analysis regarding the nonsense literary genre. Therefore, in our final

discussions, we found that it presents transitional movements between sense and nonsense, therefore, we evidenced in the speeches and behaviors of the Cheshire cat, such movements, precisely during chapters VI and VIII of the literary work, because it starts from the appearance of the same.

Keywords: Nonsense; Victorian Literature; Cheshire cat.

1. INTRODUÇÃO

A princípio, com relação às pesquisas que permeiam a literatura *nonsense*, temos a obra literária *Alice no País das Maravilhas* (1865), em específico, o personagem o Gato de *Cheshire*, como objeto de estudo para este trabalho. A obra idealizada por Lewis Carroll (1832-1892) tornou-se uma das mais populares, justamente por pertencer a esse gênero literário, em que consiste na permanência desta linha tênue entre sentido e não sentido dos fatos gerados na narrativa. Ao abordar este gênero, torna-se indispensável dirigir ao leitor uma introdução acerca do surgimento do referido gênero literário, utilizando justamente a obra literária supramencionada como exemplificação e ilustração de como ocorrem tais características.

A obra narra as aventuras de Alice, uma menina que vive na cidade de Londres. Em um diálogo com sua irmã, avista um coelho branco, portando um relógio, correndo apressadamente em direção a uma toca. Nesse instante, Alice decide segui-lo. Ao ir em direção à toca e atravessa-la, depara-se com o País das Maravilhas, liderado pela Rainha e Rei de Copas. A personagem parte em busca de maneiras para encontrar seu caminho de volta à casa, e em meio a esta missão, é auxiliada por criaturas até então desconhecidas pela mesma. Ao decorrer da narrativa, tais criaturas mostram para a jovem Alice que os conhecimentos por ela adquiridos na escola, no País das Maravilhas, não possuem sentido. Visto que, naquele mundo, haviam regras singulares. A obra finaliza com a mesma despertando de um sono profundo, deduzindo aos leitores que aventuras passaram-se nos seus sonhos.

Considerando, assim, tais informações, este trabalho fez uso do personagem acima citado como ponto de partida para análises comparativas a respeito de seu comportamento e de seu discurso¹ que podem servir de exemplificação de que, embora a obra seja pertencente à literatura *nonsense*, existe, em algumas ocasiões presentes durante a narrativa, lapsos de sentido no discurso do personagem que podem passar despercebidos pelos leitores, justamente por logo após esses eventos existir uma quebra para eventos e discursos sem sentido.

Ao abordar os estudos acerca dessa obra, torna-se necessário realizar uma contextualização prévia da vida do autor, uma das figuras mais importantes quando aborda-se o tema do gênero literário *nonsense*. O escritor e professor *Lewis Carroll* (1832-1892), pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, natural de Daresbury, Cheshire, na Inglaterra, iniciou sua vida acadêmica como matemático durante os anos de 1855 a 1881 e, mais tarde, em 1865, publicou sua obra *Alice no País das maravilhas*. Logo após, sua continuação: *Através do espelho* (1872) e outra obra *A caça ao Snark* (1876). As obras citadas fazem parte do repertório do *nonsense* de Carroll. Na narrativa, podemos observar traços da vida do autor que foi anteriormente um professor das ciências exatas. A maneira como a personagem Alice é atraída pela aparição repentina do coelho, que a leva ao País das Maravilhas, onde existiam diversas figuras, algumas até pitorescas e a cada desenrolar dos capítulos são mostradas cada vez mais a sua singularidade e profundidade.

A escolha desse tema se deu após uma minuciosa busca virtual por diversas obras clássicas da literatura inglesa, particularmente às pertencentes

¹ [...] pelo qual os atos de linguagem constituem uma trama que ultrapassa o meramente lingüístico (Fischer, 1995, p.21).

ao século XIX. A obra de Carroll, em específico, esteve presente desde o início, pois a mesma aborda questões que podem possuir uma análise mais minuciosa referente ao sentido e não sentido, além de apresentar um gênero literário que possui características intrigantes. O romance apresenta aos leitores o gênero literário *nonsense*, com suas peculiaridades, que muitas vezes giram em torno de uma realidade alternativa e longe da lógica² que os leitores esperam ao longo da leitura, apresentando personagens que, em específico nesta obra, ficaram consagrados no imaginário de tantas pessoas; um deles sendo o foco do estudo para este trabalho: o Gato de *Cheshire*, um personagem que traz consigo características desse gênero em seu comportamento, ao longo da narrativa. Estudar esta obra pode ajudar a dar enfoque no que vem a ser este gênero literário, embora que o mesmo já tenha sido discorrido por diversos trabalhos acadêmicos e livros. Ainda podem existir dúvidas acerca do *nonsense* e conseqüentemente sobre quais são as suas características. Portanto, o estudo sobre este gênero, com a exemplificação desse personagem em específico, como dito anteriormente, pode contribuir para aqueles que não estão familiarizados com o tema e com o auxílio de uma linguagem descomplicada e direta será de rápida compreensão o assunto em questão. Ademais, estudar sobre lógica e *nonsense* interligadas traz uma perspectiva diferente do habitual com o auxílio desta obra que trouxe visibilidade a este gênero literário que desperta o imaginário de tantos leitores ao redor do mundo.

Portanto, este estudo objetiva analisar as características acerca do gênero literário *nonsense*, a partir do personagem o Gato de Cheshire, que são expressas tanto em seu discurso quanto comportamento. E a partir disto, expor onde pode-se localizar estes momentos, do personagem na narrativa. E por fim, analisar como nesses instantes existem, a transição entre o não sentido e sentido.

Este trabalho tem como finalidade realizar uma pesquisa básica que “[...] objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.” (Gerhardt e Silveira, 2009, p.35) Conseqüentemente, abordada uma pesquisa explicativa, que consiste em:

são aquelas pesquisas que têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas. Por isso mesmo é o tipo mais complexo e delicado, já que o risco de cometer erros aumenta consideravelmente. (Gil, 2008, p.28)

Interligado com uma pesquisa exploratória que “[...] objetiva a maior familiaridade com o problema, tornando-o explícito, ou à construção de hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico” (Gil, 2007, s/p). Conduzindo para uma análise qualitativa “[...] preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.” (Gerhardt e Silveira, 2009, p.32)

² LÓGICA é a ciência que estuda princípios e métodos de inferência, tendo como o objetivo principal de determinar em que condições certas coisas se seguem (são conseqüência), ou não, de outras (Cezar A, Mortari, 2001, p.2).

Como base teórica para este trabalho, foram utilizados artigos acadêmicos de diversos autores como Vasconcelos e Melo (2019); Pereira (2006); Vitoriano (2019); Monteiro (2022) e Radaelli (2012) que auxiliaram com suas pesquisas a respeito do contexto em que a obra foi lançada e sobre a disseminação perante a sociedade. Logo em seguida, temos as contribuições dos trabalhos de Ferreira (2024); Granato (2020); Marucci e Giroldo (2021) e Lindemann (2018) que, respectivamente, auxiliaram, com suas teorias, a o esclarecimento do gênero literário *nonsense* que está presente na obra literária.

2. DEFINIÇÃO SOBRE O NONSENSE E O CONTEXTO NA INGLATERRA VITORIANA

Ao utilizar a obra *Alice nos Países das Maravilhas* (1865) como objeto de estudo para este trabalho, observa-se, inicialmente, o período em que ela foi produzida e publicada. O livro é pertencente ao período Vitoriano, que obteve este nome devido ao reinado da Rainha Vitória sobre o Império Britânico entre os anos de 1837 a 1901. Durante estes 64 anos, não apenas o Continente Europeu, mas todas as grandes potências mundiais, puderam observar o grande momento de desenvolvimento pelo qual a Inglaterra estava vivenciando. Um dos marcos desse período, a Revolução Industrial, movimento que foi iniciado no século XVIII, é intensificado no século XIX logo após os eventos da Primeira Guerra Mundial, transformando a realidade dos cidadãos ingleses e evidenciando, assim, ainda mais a divisão de classes sociais entre ricos e pobres. Referente a este aspecto, Vasconcelos e Melo (2019) afirmam:

O século XIX é marcado por grandes transformações caracterizado pelo surgimento da máquina a vapor, dos trens e das locomotivas. Isso se dá por conta das transformações socioeconômicas presentes durante aquele século, com a Revolução Industrial ocorreu o desenvolvimento de uma série de invenções de máquinas e ferramentas, com essas invenções houve um enorme progresso na vida material que afetou diretamente nas relações pessoais durante aquela época. (Vasconcelos; Melo, 2019, p. 165)

Como foi explicitado pelos autores acima, embora a Inglaterra vivenciasse um grande avanço tecnológico com a ascensão do maquinário e das fábricas têxteis, a mão de obra foi extremamente desvalorizada e menosprezada, e isso causou a recorrência à exploração do trabalho infantil, tanto em trabalhos domésticos como nas grandes fábricas. Além disso, havia, também, eventos de acidentes fatais que levaram a óbito diversos cidadãos, pela falta de segurança e questões graves referentes à falta de saúde, como também as exaustivas horas de trabalho chegando a 18 horas por dia. Tudo isso era corriqueiro na vida cotidiana da classe minoritária do país.

Na área da literatura, importantes escritores tiveram reconhecimento durante este período: Oscar Wilde, Charlotte Brontë, Emily Brontë, George Eliot, Charles Dickens e Lewis Carroll. Eles trouxeram suas contribuições para a literatura inglesa e marcam leitores até os dias atuais ao redor do mundo. Sobre este aspecto relacionado à literatura da Inglaterra, Vasconcelos e Melo (2019) afirmam:

Os romances vitorianos detinham conhecimento de um contexto social em que estavam inseridos, representando inclusive teorias científicas presentes do período. O fato é que os romances também são uma forma de explicar aqueles acontecimentos, as diversas transformações ocorridas durante o século XIX no campo econômico, social e cultural são representados através da literatura. Por isso são bem comuns nas histórias aparecem cenários de pobreza e miséria na cidade de Londres, ou seja, a literatura era um elemento ficcional que trazia elementos da sociedade. (Vasconcelos; Melo, 2019, p.171)

Como citado acima, a literatura durante este período tinha o papel muitas vezes de explicitar e criticar a realidade da época, visto que enquanto existia todo o luxo e conquistas de poder econômico e territorial, também estava presente uma grande miséria entre os trabalhadores. Algumas das publicações dos autores citados acima são como uma forma de protesto sobre os fortes traços de desigualdades presentes nos campos econômicos, sociais e culturais, unindo, desta forma, a ficção e a realidade local.

Em meio a todos esses eventos, especialmente na literatura, ao se tratar do *nonsense*, existe a necessidade de realizar uma contextualização acerca do que consiste enquanto gênero literário e seu notório crescimento durante o século XIX. O *nonsense* foi primordialmente explorado e posteriormente reconhecido como gênero literário logo após o escritor Edward Lear realizar a publicação do livro *A book of Nonsense*, uma coletânea de poemas ilustrados, em 1846. Durante meados das referidas décadas, o *nonsense* estava diretamente ligado ao cômico, visto que esta literatura estava associada ao público infantojuvenil. Em relação aos primeiros conceitos do *nonsense* enquanto gênero literário, Pereira (2006) afirma:

Na época vitoriana não existia ainda o conceito de nonsense para definir o tipo de literatura praticado por Lear e Carroll, embora existissem as palavras nonsense e nonsense verse, como termos latos para a literatura cômica inocente, no entanto, podemos fixar o nonsense como um subgênero literário do cômico integrado na Inglaterra oitocentista. (Pereira, 2006, p. 02)

Como citado acima, o *nonsense* no âmbito da literatura estava relacionado a uma categoria de subgênero do cômico, isto é, estava anexado a uma função para o humor em poemas voltados a um público infantojuvenil. Tal gênero possuía um papel apenas de entretenimento e diversão dos leitores, limitando-o, de certa forma, à sua exploração. Em meados dos séculos XIX, a literatura infantojuvenil, do mesmo modo em que a Europa vivia em ascensão, vivia seu momento de expansão e exploração, como afirma Monteiro (2022):

Algumas das narrativas e autores desse período são Pinóquio, do italiano Carlo Collodi, O mágico de Oz, do americano L. Frank Baum, Peter Pan, do escocês J. M. Barrie, e As Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá, do inglês Lewis Carroll. Dando continuidade, é no decorrer desse século que novos tipos de gêneros surgem entre as produções para as crianças e os jovens, constituindo um novo panorama na literatura destinada ao público infantojuvenil. (Monteiro, 2022, p.19)

Desta forma, como afirma a citação acima, durante esse período, a literatura recebeu grandes contribuições provindas dos referidos autores com obras que são reconhecidas na contemporaneidade. As histórias produzidas abordavam novos desfechos que surpreendiam os leitores como um misto de

aventuras que, através delas, poderiam ser extraídas lições para a vida. Em continuidade a análise do *nonsense* presente na literatura, e principalmente a ele mesmo, pela visão de Lewis Carroll, pode-se destacar que, ao decorrer dos anos, estudiosos buscaram compreender e analisar a sua composição em suas obras que obtiveram renome mundial:

Para garantir seu nonsense, Carroll intercala o uso de versos, em sua ampla maioria paródias, com a prosa. Para construir o absurdo em seus diálogos, ele faz uso de outros jogos de palavras para formular seu nonsense ou gerar a suspensão ou quebra do sentido no decorrer de seus dois livros. Dentre estes, o mais recorrente é o uso de trocadilhos criados pelo emprego de palavras homófonas e homógrafas, gerando interpretações equivocadas ou a incompreensão da fala devido a seu absurdo. (Vitoriano, 2019, p.09)

Como afirma a autora, o *nonsense* presente na literatura de Lewis Carroll possui, como uma das principais características, o uso do emprego do jogo de palavras, que, ao decorrer da leitura, acarreta em uma quebra das expectativas construídas pelo público alvo. Com o auxílio dos versos e prosas, os leitores podem ser confundidos pela estruturação e principalmente pelo desfecho final de sua narrativa. Ademais, com o auxílio dos trocadilhos, presentes na escrita pelo referido autor e a utilização das palavras homófonas que são aquelas cujas sonoridades são iguais, porém a grafia e seu significado são distintos. Já as palavras homógrafas, possuem a grafia idêntica, mas a pronúncia e o significado são opostos, é através desses auxílios que, ao decorrer da obra, a maioria dos diálogos entre personagens são construídos.

Ademais, em suas narrativas, Carroll fazia com que os seus leitores pudessem vislumbrar a maneira como esse gênero literário aborda questões até então desconhecidas por eles, pois eram diferentes das obras que o público em geral estava habituado a ler, visto que, a princípio, seu lançamento foi durante a século XIX. A maneira como ele abordava os eventos presentes nos livros, “brincava” com os leitores que eram surpreendidos pela maneira como os acontecimentos e diálogos eram abordados. Pensando nisso, Vitoriano (2019) afirma:

Enquanto Carroll quer fornecer a seus leitores ferramentas para interagir com os universos que ele constrói, por meio de paródias ou pela inserção de personagens popularmente conhecido, a intenção do nonsense é criar um texto que produza estranhamento mediante a negação ou ruptura com o próprio sentido. O nonsense precisa gerar rupturas com a realidade para que seus absurdos e fantasias permaneçam. (Vitoriano, 2019, p.13)

Desta forma, como afirma Vitoriano (2019), o *nonsense* presente em *Alice nos Países das Maravilhas* apresentou ao mundo uma nova maneira de contar histórias, intrigando e surpreendendo os leitores em suas abordagens que permeiam entre o sentido e o não sentido realizando essa ruptura entre ambos, o que causa o estranhamento em virtude da quebra de expectativa criada ao decorrer da leitura. Em relação a isto, Vitoriano (2019) conclui:

O jogo com a quebra de expectativa do leitor é algo inerente ao nonsense, onde o senso comum funciona como o pano de fundo sobre o qual ele se estrutura. Para construir essa relação entre senso e não senso, presença de sentido e a ausência dele, rompendo com as

expectativas, o nonsense não pode permitir a síntese, sempre criando um novo desvio quando se aproxima dela. (Vitoriano, 2019, p.11)

Em relação ao jogo de quebra de expectativas é uma das outras características provenientes do gênero em que os leitores, através do senso comum, podem chegar a uma conclusão sobre o que acabara de ler, pois, como afirma a autora, a síntese, a explicitação clara dos fatos, são algo que deve ser evitado, pois é função dos leitores formularem ideias para que consigam compreender os diálogos que ocorrem dentro da obra.

Ao voltarmos aos dias atuais sobre as definições referentes ao *nonsense*, ainda existem algumas dúvidas sobre qual a função deste gênero, pois, para muitos, ele ainda trata apenas de eventos sem sentido e apenas isto. No entanto, vale ressaltar a relação definida entre o sentido e não sentido. Sobre isto, Pereira (2006) afirma:

A definição de nonsense é algo que ainda hoje, mesmo depois da sua autonomização como gênero literário, continua a ser considerada uma tarefa difícil, na medida em que depende de sense, também difícil de definir, e diz respeito a um conceito demasiado abrangente que se trivializou e que tem aplicação genérica aos textos literários em que está presente o absurdo ou o jogo com as palavras. (Pereira, 2006, p. 02)

Desta forma, pode-se observar que existe uma certa dificuldade relacionada à definição plena de seu significado, visto que não se trata apenas da ausência de sentido dos fatos, mas sim, desta constante tenuidade de sentido e não sentido, além do mais, existe essa trivialização do gênero considerada genérica por alguns textos literários presentes apenas com a questão de jogo de palavras e o absurdo, ambas características do gênero. Outros autores falam sobre essas questões acerca do sentido e de sua falta e em como podem se tornar uma necessidade para o fluimento desse gênero:

Para tanto, minha hipótese é a de que o nonsense torna-se a condição para que a criação aconteça, pois ele não comporta o efeito de censura, mas libera o desejo das amarras imposta pela lógica do imaginário e do simbólico. (Radaelli, 2012, p.65)

Para a autora, é justamente esta relação que permite que o *nonsense* possa, de fato, se realizar enquanto gênero literário não seguindo as regras da lógica, mas as formulando ao seu modo, como, por exemplo, o jogo de quebra das expectativas, o jogo das palavras, o comportamento e os diálogos dos personagens. Tudo isso contribui para que tal gênero se torne um universo inédito, justamente por não seguir essas regras, mas, sim, criá-las.

3. ANÁLISE A PARTIR DO GATO DE CHESHIRE

Durante o decorrer da obra, é apresentada uma concepção diferente do esperado em uma obra literária: características do gênero literário *nonsense* em relação ao sentido e não sentido dos discursos e comportamentos dos personagens que fogem do provável o que leva os leitores a surpreenderem-se com eles e essa, como dito anteriormente, é outra característica do gênero. No capítulo VI da obra, intitulado de “Porco e Pimenta”, em que a personagem Alice

busca por ajuda para conseguir encontrar um destino e alguém que mostre o caminho para casa, é apresentada a figura do Gato de *Cheshire*. Os leitores podem, assim, visualizar pela primeira vez o personagem. Durante esse momento, Alice sente curiosidade a respeito dele, visto que possuía algo incomum do que ela estava acostumada a presenciar em outros animais de sua espécie e questiona prontamente a Duquesa sobre o felino:

“Por favor, você poderia me dizer”, disse Alice um tanto tímida, pois ela não estava bem certa se era de boa educação falar, “por que seu gato sorri assim?”

“É um gato de Cheshire”, disse a Duquesa, “é por isso. Porco!”

Ela disse a última palavra com violência tão repentina que Alice pulou, mas logo percebeu que as palavras eram para o bebê, e não para ela, então tomou coragem, e prosseguiu novamente:

“Eu não sabia que os gatos de Cheshire sempre sorriam; na verdade, eu não sabia que os gatos podiam sorrir”

“Todos podem”, disse a Duquesa; “e a maioria deles o fazem.”

“Não sabia nada disso”, disse Alice muito educadamente, sentindo-se bastante satisfeita por ter entrado em uma conversa (Carroll, 2021, p.58)

Nesta primeira aparição do personagem, os leitores conseguem visualizar, de maneira introdutória, a forma com a qual o gato desenvolve-se durante a narrativa e também como ocorre os aspectos do seu comportamento rotineiro de sorrir em suas aparições, o que para os outros personagens, é algo habitual e há não motivos para estranhamento, apenas para Alice, visto que nunca havia presenciado tal fato, assim como quem realiza a leitura da obra pela primeira vez, sem conhecer previamente este gênero literário. Acerca disso, Ferreira (2024) afirma:

Dentro do universo criado por Carroll ao longo dos dois livros, os personagens existentes na história vivem sob regras e costumes únicos, seguindo padrões e normalizando acontecimentos que, aos olhos de nós, leitores, que se empenham em buscar significados enraizados nas obras que lemos, pode considerar deveras exótico e estranho, sem sentido algum. (Ferreira, 2024, p.29)

Assim como citado acima, os leitores precisam estar cientes de que dentro da narrativa do *nonsense* os personagens podem seguir um fluxo contrário ao da lógica, que talvez possa parecer incoerente. O Gato, nesse primeiro momento, apresenta uma característica um tanto quanto inusitada ao sorrir abertamente para Alice e isso a faz estranhar cada vez mais o comportamento dele, dado que ela nunca havia presenciado um felino realizar o ato de sorrir. Na narrativa da obra, porém, pode-se dizer que torna-se algo compreensível. Este é um dos primeiros momentos do personagem na narrativa e os leitores podem observar algumas de suas características. Nesse caso, o seu comportamento.

Em seguida, ainda durante o capítulo VI, o personagem realiza uma interação com a protagonista e, durante seu diálogo de perguntas e respostas com a personagem Alice, é possível observar que o comportamento do Gato e a sua maneira de se expressar podem ser exemplos de que dentro do *nonsense* pode existir lapsos de sentido em seu discurso. Para enfatizar essa hipótese,

existem dois exemplos evidentes de sentido e da quebra de sentido. O primeiro exemplo dessa visão dentro da obra é o primeiro diálogo de Alice e o Gato:

“Gatinho de Cheshire”, indagou um tanto tímida por não saber se a forma como o chamou foi agradável; no entanto, o gato apenas abriu mais o sorriso. “Bom, ele parece estar satisfeito”, Alice pensou e continuou: “Você poderia me dizer, por favor, o caminho para eu ir embora daqui?”

“Isso depende muito de onde você quer chegar”, disse o Gato.

“Não me importa muito onde...” disse Alice.

“Então não me importa para que lado você vai”, disse o Gato.

“Contanto que eu chegue a algum lugar”, acrescentou Alice como uma explicitação.

“Oh, com certeza você vai chegar”, disse o Gato, “se andar o suficiente”. (Carroll, 2021, p. 62)

Ao observar esse diálogo, os leitores podem perceber uma resposta lógica do personagem que está anexado dentro de um contexto sem sentido. Como, por exemplo, criaturas que assemelham-se fisicamente com animais, mas que possuem capacidades cognitivas de dialogar livremente com outros indivíduos, como a própria Alice dialogando com a Lebre e o Gato. Mesmo que a narrativa possua esses elementos que possivelmente confundam quem a lê, existem momentos que se pode evidenciar algum dos momentos relacionados ao sentido que está presente no discurso desse personagem, especificamente, nesta fala. A respeito da relação de sentido presentes no *nonsense* o autor afirma:

Diferentes teóricos buscaram compreender e definir o nonsense, Jean-Jacques Lecercle (1994), em nonsense, seu livro *Philosophy of Nonsense*, diz que textos nonsense precisam de sentido, tanto quanto, ou mais, que textos já considerados cheios de sentido, pois quanto mais tênue for o sentido, mais o leitor buscará encontrar o sentido pleno (Granato, 2020, s/p).

Como o autor trata acima, as obras literárias pertencentes a esse gênero necessitam obter mais sentido do que outras, visto que os leitores necessitam buscar e explorar ainda mais nas obras a compreensão do sentido total do texto e, nessa fala do personagem, pode ser explicitada essa teoria, uma vez que os leitores estavam sendo apresentados a figura de um gato falante portando um vasto sorriso em seu rosto, e ao questioná-lo sobre qual caminho percorrer obtém uma resposta de forma lógica, pois qualquer caminho tomado chegará a um destino. Sustentando, dessa maneira, a teoria acima de que mesmo uma obra pertencente ao *nonsense* necessita de alguns momentos do sentido pleno dos fatos, para que o público-alvo possa chegar a uma conclusão satisfatória da narrativa e justamente por esses eventos de lógica estarem atrelados a eventos sem sentido, os leitores conseguem, rapidamente, compreender, pois tornam-se ainda mais evidentes durante a narrativa. Neste caso, sendo demonstrado pela resposta coerente do Gato.

Seguindo a análise, logo após essa primeira fala do personagem, o diálogo avança com outra indagação da personagem Alice a respeito dos moradores que vivem no País das Maravilhas e a sua preocupação sobre suas

condições psicológicas, visto que ela traz consigo constantemente a lógica de sua vivência naquele ambiente.

Alice achava que isso não provava nada; entretanto, ela continuou: “E como você sabe que está louco?”

“Para começar”, disse o Gato, “um cão não é louco. Certo?”

“Suponho que sim”, disse Alice.

“Bem, então”, prosseguiu o Gato, “veja, um cão rosna quando está com raiva, e abana sua cauda quando está satisfeito. Agora eu rosno quando estou satisfeito, e abano minha cauda quando estou com raiva. Portanto, estou furioso”. (Carroll, 2021, p. 64)

Como explicitado no trecho da fala do personagem, assim como Alice, os leitores são surpreendidos por uma fala que não estavam prevendo no decorrer de sua fala. Ao realizar uma comparação sobre um cão e si próprio, e como as ordens sobre o comportamentos de ambos são contrárias, evidencia, na prática, como o *nonsense* aborda os diálogos entre personagens fazendo com que o público leitor busque a sua forma de compreensão do texto lido. Sobre esta questão, Marucci e Girollo (2021) afirmam:

É importante ressaltar que o nonsense aqui aparece por meio do jogo de palavras, invertendo a ordem dos termos na frase para criar diferentes sentidos. Enquanto Alice não considera essa questão, os personagens apontam inúmeros momentos em que essa ordem pode causar diferentes efeitos. Essa proposição pode indicar uma atenção especial ao nonsense, ao qual não se deveria imputar significados como certos e únicos ou julgá-lo prontamente, limitando-o; pois o alcance do nonsense, nesse patamar, é infinito. (Marucci; Girollo, 2021, p. 05)

Como citado anteriormente, o *nonsense* pode aparecer através da sua inversão das ordens dos termos em um texto, algo corriqueiro em sua composição enquanto gênero. Como na exemplificação da fala do Gato e a sua comparação com um cão e os seus comportamentos de maneira contrária, pode-se ter uma visualização sobre como não se deve imputar significados exclusivos e definitivos, pois a sua interpretação pode ser facilmente alterada por quem realiza sua leitura.

Em continuação, a personagem Alice continua em sua fala com o Gato que, inesperadamente, começa a desaparecer diante dela que surpreende-se com tal feito, visto que, para ela, era um feito impossível de ocorrer.

“Você disse porco ou corpo?”, disse o Gato.

“Eu disse porco”, respondeu Alice; e gostaria que não continuasse aparecendo e desaparecendo tão de repente, me deixa tonta!”

“Tudo bem”, disse o gato; e desta vez ele desapareceu muito lentamente, começando com o fim da cauda, e terminando com o sorriso, que permaneceu ainda algum tempo depois que o resto dele havia desaparecido.

“Bem! Eu já vi muitas vezes um gato sem um sorriso”, pensou Alice; “mas um sorriso sem um gato! É a coisa mais curiosa que já vi em minha vida!” (Carroll, 2021, p. 65-66)

Através da citação acima, pode-se identificar os momentos em que o sem sentido aparece na obra focando na maneira de como os comportamentos dos personagens podem seguir um rumo diferente do que foi esperado pelos leitores. Como citado anteriormente sobre a quebra de expectativas construídas durante a leitura e, neste caso, há o desaparecimento do Gato. Sobre essa questão afirma o autor:

Sobre a noção de nonsense própria ao trabalho de Carroll, Montoito (2019, p. 37) argumenta que, embora o termo seja usado comumente como sinônimo de “sem sentido”, o nonsense carrolliano não é avesso ao sentido, mas emerge justamente da formação de um novo sentido sob outro sistema referencial. A liberdade criativa descompromissada com a realidade não se traduz em uma afronta à lógica, pelo contrário, o nonsense carrolliano é fruto justamente da ordem lógica, mostrando o seu funcionamento inclusive sob novos sentidos (Lindemann, 2018, p. 02).

Para o autor, o *nonsense* de Carroll, não torna-se completamente indiferente ao sentido dos fatos, mas sim, aborda novas questões formulando novas regras para determinada história, pois é uma característica do gênero que, a partir dessa nova visão de mundo construído, o sentido e a lógica para os personagens da história são compreensíveis. Ademais, vale ressaltar que o próprio Carroll foi professor de matemática durante anos de sua vida, podendo, assim, deduzir que esta ligação com a lógica algumas vezes presente pelos discursos da própria Alice em suas obras, não é coincidência. Como exemplo disto, quando a personagem Alice, durante sua aventura no País das Maravilhas, tenta impor os conhecimentos adquiridos na escola, naquele ambiente único, porém sem sucesso, até mesmo nos momentos de diálogo com o Gato. Esses eventos que ocorrem dentro da obra, em relação com o sentido e não sentido podem ajudar os leitores a aguçar o raciocínio lógico, na tentativa de compreender esses fatos ao longo da narrativa.

Em continuação à análise do Gato, pode-se visualizar mais um momento em que o comportamento dele foge do sentido em que os leitores podem estar habituados a lerem em outras obras literárias. Está presente no capítulo VIII da obra intitulado como “O jogo de críquete da rainha”, em que, como a intitulação sugere, refere-se ao momento em que ocorrem as partidas do mesmo, porém, no lugar da utilização de equipamentos apropriados como bolas e tacos, na narrativa utilizam-se ouriços e flamingos, visto sua dificuldade de manuseá-los Alice deseja compartilhar suas dificuldades com alguém, nisto surge o Gato de *Cheshire*:

“É o Gato de Cheshire: agora terei alguém para conversar.”

“Como você está se saindo?”, perguntou o Gato, assim que houve boca suficiente para que ele falasse com ela.

Alice esperou até que os olhos aparecessem, e depois acenou com a cabeça. “Não adianta falar com ele”, pensou ela, “até que seus ouvidos tenham aparecido, ou pelo menos um deles”. Em outro minuto, a cabeça inteira apareceu, e então Alice pousou seu flamingo, e começou um relato do jogo, sentindo-se muito feliz por ter alguém para escutá-la. O Gato parecia pensar que agora havia o suficiente dele à vista, e não apareceu mais nada do corpo dele (Carroll, 2021, p. 89).

Neste exemplo, novamente pode-se visualizar a forma como o personagem intercala entre a visibilidade e o desaparecimento, algo corriqueiro. Suas aparições durante a obra carregam consigo esta principal característica, além das partes de seu corpo não estarem alinhadas em conjunto de forma uniforme, que pode surpreender os leitores, porém dentro da literatura nonsense, torna-se algo aceitável, para isto a autora afirma:

Conseguimos entender que há uma diferença considerável entre o real e a verdade, e que a obra de Carroll segue sua própria realidade. Não seria justo procurar ou tentar identificar o sentido em algo que não foi feito para possuir sentido seguindo os padrões do mundo real, visto que são duas vertentes diferentes. (Ferreira, 2024, p. 52)

Como a autora estabelece, Carroll, nos seus escritos, não buscava a todo momento esclarecer questões a respeito do discurso, tão pouco do comportamento dos personagens presentes em suas obras. Neste caso, com relação ao Gato não existe essa necessidade de explicar logicamente e nem comprovar que seria inviável vê-lo falar tão pouco e, logo em seguida, desaparecer. Como foi apontado durante este trabalho, o *nonsense*, em suas obras literárias, seus mundos seguem as suas próprias regras; logo, não existe a necessidade de sentido pleno em todos os momentos presentes em sua história.

Na continuação desse mesmo capítulo, a personagem Alice procura defender seu amigo, o Gato de *Cheshire*, que está em uma situação complicada perante o Rei e a Rainha de Copas que buscam capturá-lo e cortarem-lhe a cabeça, pois o mesmo recusou beijar a mão do Rei:

Alice não conseguia pensar em mais nada para dizer senão “O Gato pertence à Duquesa: é melhor perguntar a ela sobre isso.”

“Ela está na prisão”, disse a Rainha ao carrasco: “Tragam-na aqui”. E o carrasco correu como uma flecha.

A cabeça do Gato começou a desaparecer no momento em que ele se foi, e, quando ele voltou com a Duquesa, ela havia desaparecido completamente [...] (Carroll, 2021, p. 92).

Na finalização deste capítulo, o personagem outra vez demonstra sua característica de desaparecimento que foge da lógica habitual, pois a “[...] falta de ancoragem e de ponto de referência é onde se instaura a dúvida que constitui o núcleo do nonsense e, nesse sentido, o na falta dele, Lewis Carroll foi exemplar” (Radaelli, 2012, p. 51). Justamente pelos personagens não seguirem uma lógica habitual, os leitores não possuem uma referência para instaurarem algum ponto de referência para que alimentem suas expectativas preestabelecidas durante a leitura, o que beneficia a estética de escrita pertencente a esse gênero, os indivíduos podem surpreendentemente com um Gato que pode simplesmente aparecer e desaparecer sem necessidade alguma de explicações.

Porém, ainda assim, mesmo possuindo diversos momentos em que o personagem, de fato, tenha comportamentos e discursos que fujam do sentido em que os leitores estão acostumados a lerem, ainda sim mesmo que brevemente, o sentido presente no discurso do felino, com uma resposta lógica, pois esse gênero literário intercala entre o sentido pleno e o contrário do dele. Sobre o sentido, a autora afirma que “Assim, a impressão que temos é que de

certa forma, o Gato de Cheshire não é verdadeiramente louco, e isso é um reflexo do nonsense utilizado por Carroll – o sentido se encontra presente na falta dele”. (Ferreira, 2024, p. 40) A autora defende que especificamente este personagem pode intercalar entre ambos os caminhos, o da lógica e a falta dela durante o decorrer de toda a obra.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pretendeu realizar uma análise a respeito do gênero literário *nonsense* presente na obra literária *Alice no País das Maravilhas (1865)*, a partir do personagem o Gato de *Cheshire*, e como o mesmo, durante os períodos de sua aparição na obra, tanto no seu comportamento como em seu discurso, pode trazer consigo questões de fato sem sentido, mas também como de lógica, em que os leitores conseguem compreender no momento em que realizam a leitura, como foi exemplificado através do diálogo com Alice, sobre qual caminho percorrer e ao responder de forma sensata e compreensível, porém, logo em seguida, os eventos que sucedem-se são propriamente pertencentes ao *nonsense*, principalmente no comportamento físico do personagem ao surgir e desaparecer repentinamente, momentos estes presentes, respectivamente, nos capítulos VI e VIII, como foi evidenciado anteriormente, presentes no terceiro tópico.

Ao decorrer deste trabalho foi pretendido que as explicações e análises fossem compreensíveis e de fácil interpretação, visto que mesmo que existam outros artigos e teses abordando e dialogando sobre esse gênero literário, ainda possam existir dúvidas sobre o mesmo, que este trabalho possa, de certa forma, ajudar a supri-las. A literatura *nonsense* é permeada por personagens e acontecimentos que fogem do esperado pelos indivíduos que a lêem, porém, como foi explicitado acima, ambos os caminhos de sentido e o de não sentido podem estar envoltos a uma linha tênue, em que os leitores só poderão percebê-las se analisarem de maneira cuidadosa. Ainda que não pareça, mas ambos os momentos estão presentes e foi justamente através dessa teoria que esse trabalho foi desenvolvido, utilizando do Gato para que possa comprovar sua validação.

Por fim, ao finalizar este trabalho, espera-se que, de fato, sirva de contribuição para aqueles que também possuam curiosidade e principalmente o interesse relacionado a obras literárias que lidam com essas características, como a quebra de expectativas, na exploração de cenários e realidades alternativas, assim com está presente na narrativa escrita por Carroll, que através do *nonsense* são explicitadas. Como também para os leitores, que ainda desconheçam este gênero e o que o mesmo abrange na literatura. Como foi pretendido ser construído neste estudo, desde seus momentos iniciais no século XIX enquanto ainda estava unicamente atrelado ao cômico, até no período atual, com discussões de estudiosos, alguns destes utilizados como referencial teórico para este trabalho, que contribuem para análises e exploração desse gênero literário.

REFERÊNCIAS

- CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Barueri, São Paulo. Camelot, 2021.
- FERREIRA, Thainá. **A existência do ilógico no País das Maravilhas: Explorando a arte do nonsense na obra de Lewis Carroll**. Campina Grande, UEPB, 2024.
- FISCHER, Rosa. **A análise do discurso: Para além de pessoas e coisas**. Educação & realidade, 1995.
- GERHARDT, Tatiana. SILVEIRA, Denize. **Métodos de Pesquisa**. 1. ed. Porto Alegre, UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, AtlasS.A, 2008.
- GRANATO, Fernanda. A Estética de Ruptura: **O nonsense em Edward Lear e Renato Pompeu**. 1. ed. Curitiba, Appris, 2020.
- LINDEMANN, John. MONTOITO, R. **Lógica e Nonsense nas Obras de Lewis Carroll: Silogismos e Tontogismos como Exercícios para o Pensamento**. Pelotas, IFSul, 2018.
- MARUCCI, Isabella. GIROLDO, Ramiro. **Nonsense e representação: Alice a relação com o real**. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquist, Vol. 12, n.2, Jul-Dez 2020.
- MORTARI, Cezar, A. **Introdução à lógica**. São Paulo, Editora: UNESP, 2001.
- MONTEIRO, Rita de Cássia. **A construção da personagem em Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll**. Guarabira, UEPB, 2022.
- PEREIRA, Conceição. **Nonsense e Literatura Infantil: os Limericks de Edward Lear**. Portugal, Faculdade de Letras, 2006.
- RADAELLI, Juliana. **[Tese de doutorado]**. São Paulo, USP, 2012.
- RAMOS, Sheila. ACCORSI, Ana. **Tecendo uma nova interpretação para “Alice no País das Maravilhas”**. Unemat Editora, Vol. 11 n.01, Jul. 2018.
- SILVA, Camila. SANTOS, Carline. GRAMA, Daniela. **O carácter imaginoso e o fantástico na obra de Alice no País das Maravilhas**. A MARgem, Uberlândia, n. 9, ano 5, Abrl. 2015.
- VASCONCELOS, José. MELO, Francisco. **A crítica social no romance: O médico e o monstro ne Era Vitoriana**. Revista Homem, Espaço e Tempo. 2019.

VITORIANO, Guilianna. **A perda do *Self* em um ambiente *Nonsense*: uma análise da experiência de Alice nas obras de Lewis Carroll**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2019.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por me permitir chegar até aqui, com o Dom da vida e a capacidade intelectual, a Virgem Maria, minha Mãezinha, a quem tanto amo, e ouve minhas orações.

Aos meus Pais, Jailson Amarante e Ednalva Rodrigues Nunes Amarante, por me permitirem durante toda minha vida, viver confortavelmente e nunca mediram esforços para ver o meu bem, meu eterno amor e gratidão.

A minha querida Tia Maria, que sempre esteve presente em todos os momentos da minha vida, minha vózinha do coração.

Aos meus irmãos Jandeilson e Juliana, por crescermos juntos e compartilharmos, laços profundos de cuidado e amor, especialmente a minha “sis” por todo apoio desde a minha inscrição no ENEM, até aqui na construção do meu TCC, obrigada por sempre estar tão pertinho de mim.

Ao meu grande amor, meu sobrinho Ítalo Manoel, a quem é motivo de meus sorrisos mais sinceros e razão de uma felicidade e amor sem fim.

A meu cunhado, Ítalo Bruno, por partilhar a vida em família, com alto astral e boas risadas.

Aos meus queridos amigos que a Universidade me presenteou, Jocely, Arianny, Lethicia e Guilherme, como sou grata pelos 4 anos que compartilhamos nossas alegrias, tristezas, medos e anseios. Podem contar comigo sempre que precisarem, amo vocês pessoal, e ainda não acredito que chegamos até aqui.

As minhas queridas amigas de infância e escola, meninas, obrigada pelo apoio e torcerem sempre por mim, podem ter certeza que é recíproco, vocês estavam comigo, quando ainda estava descobrindo este sonho, e vocês continuam aqui, vendo ele se realizar, amo vocês.

A minha Orientadora, Aline Oliveira do Nascimento, a quem devo profunda gratidão, por sempre me orientar e tranquilizar, da melhor forma possível, não poderia ter alguém melhor do que a senhora, me auxiliando na construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A Universidade Estadual da Paraíba, por abrir as portas de sua instituição, para que durante esses 4 anos de formação fossem realizados com excelência.

A todos os meus professores, desde a alfabetização até os da minha primeira graduação, profissionais de extrema competência, cada um a sua maneira.

A todos a minha eterna e profunda gratidão.